

Suplemento Cultural

Ulysses Serra, o Sereníssimo

**HELIOPHAR DE ALMEIDA
SERRA** – escritor/cronista,
imortal da ASL

Quem o conheceu pessoalmente concorda *in totum* com a alcunha que lhe outorgaram os amigos, e os companheiros do Rotary Clube de Campo Grande.

– Ulysses Serra, o Sereníssimo! Assim era Ulysses Serra, o fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, sempre sereno, sempre ponderado, tranquilo e apaziguador, mesmo nos momentos mais acalorados de um debate, ou discussão, quando todos perdiam a calma. Os velhos e novos amigos admiravam-no por mais essa sua faceta: Abel de Aragão, Emílio Barbosa (O Barão), Carlos Huguency, J. Barbosa Rodrigues, Otávio Gonçalves Gomes, e outros.

Mas... por incrível que pareça, Ulysses não era de temperamento calmo como aparentava. Conhecendo-se a si próprio, procurou cultivar rígido controle emocional sobre si mesmo, e o conseguiu.

Lembrou-me de um susto ao redor dos meus oito anos de idade, pelos idos de 1928, quando vi chegar Ulysses, em casa, às 21:00 horas, calado e de fisionomia fechada, acompanhado de uns dez amigos, que conversavam e riam, animadamente rememorando o incidente ocorrido horas antes.

Encontrava-se Ulysses com os amigos João Maluf e Pedro Pina, numa festa beneficente ao ar livre, no jardim da Praça da Liberdade



ULYSSES SERRA, fundador da atualmente ASL, cujo busto ornamentará o hall de entrada de sua nova sede

(hoje, Praça Ary Coelho), quando foram provocados por uns quatro baderneiros, que estavam bebendo numa mesa próxima. Ulysses ignorou as provocações e acalmou os companheiros até o momento em que os acintes transmudaram-se em quase agressão física. Ulysses, então, reagiu, transformando-se numa fera, surpreendendo os companheiros e afugentando os provocadores.

Vale a pena recordar de um conhecido episódio histórico ocorrido há mais de meio século.

Em dezembro de 1936, encontrava-se Ulysses em Cuiabá como Deputado Estadual, numa época de grande turbulência política

ca. Chefiados pelos Senadores Vespasiano Martins e João Villasboas, os deputados opositoristas promoviam o impeachment do Governador Mário Corrêa da Costa. Dias antes da votação, diante do clima irrespirável de ameaças, vários deputados alugaram uma casa e nela se instalaram, os dois senadores ficaram hospedados em casa próxima, na mesma e estreita rua. Alguns dias depois, à noite, os deputados conversavam e preparavam seus discursos, ouviram-se vários estampidos de arma de fogo, vindos do lado da casa dos senadores.

– Os nossos companheiros estão sendo atacados! – gritou Ulysses. – Vamos socorrê-los! – apanhou o seu revólver e, na saída, foi barrado pelo Deputado Miranda Horta: – Não, Ulysses, uma temeridade. Os tiros cessaram e os nossos já foram trucidados. Agora será a nossa vez. Vamos esperá-los entrincheirados aqui, ponderou Miranda Horta.

Apagaram as luzes e tomaram posição no corredor, Miranda Horta e Ulysses, os únicos que dispuham de arma.

Quinze ou vinte minutos depois, Ulysses não aguentou. Resolveu ir de qualquer maneira. Os companheiros seguiram-no: Dr. Miranda Horta, Dr. Nicolau Fragelli, Joaquim Cesário. Chegaram chamando pelos Senadores. Encontraram o Senador Villasboas no chão, ferido.

– E o Dr. Vespasiano? – indagaram, aflitos. Foram encontrá-lo

“

Mas... por incrível que pareça, Ulysses (Serra) não era de temperamento calmo como aparentava. Conhecendo-se a si próprio, procurou cultivar rígido controle emocional sobre si mesmo, e o conseguiu.”

nos fundos do quintal, recostado numa árvore, ensanguentado, de revólver em punho, com uma última bala no tambor. O sangue espirrava de três ferimentos; na coxa, no braço esquerdo e no ombro.

Sozinho, o valente filho dos campos da Vacaria, “o homem forte e seguro, probo e incorruptível, corajoso, audaz, compassivo e bom” (Wilson B. Martins), enfrentou e pôs em debandada os sicários do Governo, salvando, assim, a si próprio e ao Senador João Villasboas!

Ao nos relatar esses fatos, aqui em Aquidauana, anos depois o Dr. Miranda Horta repisava com a verve que o caracterizava:

– Foi difícil, Heliophar, foi difícil, naquele momento, segurar o Ulysses e fazê-lo aceitar a minha ponderação.

Um texto teatral de Rubens Corrêa

PAULO CORRÊA DE OLIVEIRA

Era o ano de 1992. Recebi de Rubens Corrêa, o grande ator do teatro brasileiro, uma carta: “Este ano Aquidauana vai comemorar seu centenário de fundação. Gostaria de homenagear minha cidade natal. Tenho duas opções, ou levar uma peça existente para apresentá-la aí, ou escrever um texto, contando minhas lembranças de infância”.

Imediatamente, respondi: “Não tenho dúvidas, um texto escrito por você será de grande valor para essa homenagem”.

Enio, irmão do Rubens, preocupado, veio me solicitar que lhe tirasse essa ideia. “Que interesse poderia ter a vida dele, ainda criança, contada na festa do centenário?”

Disse-lhe que confiava no talento do Rubens, e que ficasse tranquilo, pois haveria de ser um trabalho significativo. E, realmente foi.

Rubens criou um texto visceral de sua meninice, suas descobertas, seus encantamentos. Até que, aos onze anos, mudou-se com sua mãe para o Rio de Janeiro.

Seu texto foi apresentado no

palco do Centro Universitário de Aquidauana, de uma forma talvez inusitada para um ator teatral, lendo os escritos, sem memorizá-los, e sentado. Utilizou, como único recurso cênico, a iluminação vertical vinda de cima de sua cabeça. Baseou sua comunicação na força do próprio texto, na sua inflexão de voz e no gestual, embora contido.

Foi um sucesso inenarrável. A plateia foi tomada pela emoção. E, no final, lágrimas corriam dos olhos da assistência.

É incrível que Rubens, lembrado sempre pelos seus papéis de personagens intensos, como o louco, o desvairado, o apaixonado, conseguiu criar um texto tão doce e singelo, e com um extremo poder de comunicação.

Rubens relata suas impressões de vida, e os acontecimentos que o conduziram a descobrir a arte teatral: o ritual, o cinema e o circo.

Por força de acompanhar sua mãe na Igreja Matriz da cidade, vai sendo tomado pelo fascínio do ritual religioso, a renovação diária da ornamentação dos altares, as devoções especiais, a coroação da imagem de Maria. Muito mais tarde, numa entrevista, Rubens compara

o teatro como se fosse um ritual. O despojamento do ator, dando vida ao personagem, seria como um sacrifício ritual. O ator começa a se despir de sua carne, de sua pessoa, para incorporar outra. E esse ritual se renovaria todos os dias de sua vida, a partir da preparação do ator para entrar em cena.

O Cine Glória de Aquidauana, cuja inauguração é relatada por Rubens, lhe provoca emoções inusitadas. Os filmes, com as histórias, as paisagens, os personagens, tudo fazia sufocar sua respiração, pulsar diferente seu coração. Descobre em si uma potencialidade para se maravilhar. Foi o início de seu aprendizado artístico.

O circo mambembe lhe traz a revelação derradeira, só mais tarde percebida, da arte de contar uma história pela representação. Uma brincadeira fantástica, segundo ele. Descobre a sua fraternidade, a família universal de artistas, comediantes, músicos, acrobatas, palhaços, equilibristas... Seus irmãos!

“Roteiro de Lembranças Aquidauanenses de Rubens Corrêa” é um texto fundamental para se avaliar a grandeza e sensibilidade desse ator, e ser humano

excepcional.

O texto, ou roteiro teatralizado, parte da pequena cidadezinha de Aquidauana dos anos trinta e quarenta, para a arte universal da comunicação e da emoção. É um texto fabuloso, e inédito em palco, desde o momento em que Rubens o viveu na festa do centenário de Aquidauana.

“

É incrível que Rubens, lembrado sempre pelos seus papéis de personagens intensos, como o louco, o desvairado, o apaixonado, conseguiu criar um texto tão doce e singelo, e com um extremo poder de comunicação.”

POESIAS

A ULYSSES SERRA

(Fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras)

Morreste *alhures*, imortal Ulysses,
Serra que ascende ao páramo infinito!...
Mas não um exilado e um proscrito
De si mesmo, pois levas as meiguices

Da gente tua a amar-te qual um mito,
Te acompanhando em pensamento e preces...
Da tua casa, porém, longe adormeces
Sem dela ouvir o coração bendito!

Partiste para a glória celestial...
Mas, na saudade, nos preenche Deus
O vão que tua ausência propícia:

A Casa que fundaste é o nosso Graal,
Nos guiam sempre os sábios passos teus,
Teu coração é a própria Academia!

GERALDO RAMON PEREIRA

PELOS CAMINHOS ESSENCIAIS DA POESIA

de novo
caminho contigo
Poesia
– antigo caminho
do novo...

caminho contigo em enlace...
[lance e ela
que se completam em mim]
no tom carmim
das paisagens inéditas...

contigo caminho,
Poesia,
no silêncio do cântico
que me relega ao instante
do eterno passo
vasto de horizontes...

caminho contigo na partitura de partidas
e evocações...
[sou passageiro e passagem
enquanto renasce em mim a tua rota solar:
tua rotação – teu lar]

contigo caminho, Poesia,
e na tua confiança
desarmo as tocaias
e subterfúgios do cotidiano...
recobro a leveza da intuição
e dou-me conta
da tua clara evidência...

de novo
contigo caminho
Poesia
– caminho e abrigo
e renovo...

RUBENIO MARCELO

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

VICE-PRESIDENTE DA ASL FARÁ

PALESTRA EM BRASÍLIA – Raquel

Naveira dará no dia 19 de abril de 2018 (quinta-feira), às 20h, a palestra intitulada **‘Dois Irmãos Pantaneiros: Abílio e Manoel’**, na ANE – Associação Nacional dos Escritores, em Brasília. Endereço: Seps 707/907, Bl F, Edifício Almeida.

Significados para a palavra amor

LUCILENE MACHADO

O amor é tudo o que nego, é o vazio entre os ponteiros do relógio, o que se supõe detrás da máscara que não ousa retirar. O amor é o braço que me esbofeteia dentro da noite e me faz gemer na incerteza de sua existência. Às vezes, envol-

ve meu corpo como uma grande onda fervente, me acarícia, me queima, me penetra, me arrasta desfalecida para um chão inóspito (o amor nos leva a lugares inesperados) e depois me pisa com a geometria de seu sapato masculino. O amor tem gênero e sua carga semântica pesa entre a extensão dos

meus músculos e contramúsculos. Medi seu tamanho com o corpo, bem como sua profundidade. Vivi o seu significado voraz na alma e conheci sua profunda desarmonia com o mundo. Entre o significado e a realidade há mil intermediários que eliminam da palavra os movimentos que ela sugere, dei-

xando-a literal. Apenas os subversivos, os poetas e os loucos compreendem que o amor se esconde em outros ‘significantes’ e quando eu dizia “está tudo bem?”, “estou com sede”, “quer tomar um vinho?”, “já é tarde...” eu estava dizendo “eu te amo, eu te amo, eu te amo...”.